

O BRASIL NA AMÉRICA: IMAGENS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Milena Ribeiro Martins

University of Illinois at Urbana-Champaign

Abstract: This paper analysis Monteiro Lobato's experience in the United States between 1927 and 1930, when he worked as commercial attaché in the Brazilian Consulate in New York. Our focus is *América*, book that Lobato published in 1932, and its relationship with a set of texts (newspapers articles, books, reports and letters) to which *América* makes references.

Key-words: Monteiro Lobato; América; History of Literature; Literature and society; Foreign Affairs Ministry.

O texto a seguir é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento, intitulada *A América de Monteiro Lobato*, em que analiso a experiência de Lobato nos Estados Unidos, nos anos 1927 a 1930, quando o escritor trabalhou como adido comercial do Consulado do Brasil em New York. O principal objeto da análise é a obra *América* (1932), em suas relações com um conjunto de textos (jornais, livros, relatórios e cartas) a que ela faz referência direta ou indireta. Parto do princípio de que os discursos artístico-literários produzidos pelo escritor não estão desvinculados das preocupações pragmáticas e profissionais do editor e adido comercial. É, pois, numa perspectiva histórica, com interesse pelo contexto da pro-

dução intelectual e pelas relações entre textos literários e textos de outros domínios, que este projeto de pesquisa vem sendo desenvolvido.¹ Apresentarei a seguir (1) alguns elementos para a análise de *América* e (2) estabelecerei relações entre essa obra e a atuação de Lobato no Ministério das Relações Exteriores.

1. Como se sabe, em suas obras para adultos e crianças, Monteiro Lobato analisou criticamente questões sociais brasileiras de diversas naturezas: por exemplo, tratou da Segunda Guerra Mundial em *A Chave do Tamanho* (1942), de experiências científicas em *Viagem ao Céu* (1932) e *Reforma da Natureza* (1939), de saúde pública e desenvolvimento social em *Problema Vital* (1919) e nos contos de *Urupês* (1918) e *Cidades Mortas* (1919), e de questões raciais e políticas em *Negrinha* (1920) e *O Presidente Negro* (1926).

Em *América*, misto de crônica social e diário de viagens, as questões sociais são apresentadas sob uma nova ótica: um narrador brasileiro (sem nome) e seu interlocutor inglês (Mr. Slang) passeiam pelos Estados Unidos e discutem a sociedade americana e a brasileira.²

O livro se estrutura, então, a partir de reflexões do narrador e dos diálogos entre os dois personagens – ora motivados por passeios por cidades norte-americanas,³ ora por leituras de jornais e livros. Em geral, os temas americanos servem de ponto de partida para reflexões sobre os Estados Unidos e, em seguida, para estabelecer comparações com a sociedade brasileira. Os temas das conversas são os mais variados: os amigos comparam o clima tropical e o temperado, extasiavam-se diante do acervo da biblioteca do Congresso e da riqueza das universidades americanas, comparam condições econômicas dos dois países, conversam sobre personalidades políticas americanas, sobre cinema, rádio, censura, puritanismo, sistemas eleitorais e mudanças lingüísticas, dentre outros assuntos.

É dessa maneira que Lobato apresenta os Estados Unidos aos leitores brasileiros: não através de uma visão unívoca, não num diário de viagem tradicional, mas por meio da discussão de idéias entre dois personagens que nem sempre compartilham do mesmo ponto de vista. O narrador adverte seus leitores, na primeira página do livro, e reitera em momentos seguintes, que as idéias de Mr. Slang são “chocantes, aberrantes”, mas nem por isso pouco equilibradas, e manifesta o prazer de ser influenciado por elas. Segundo o narrador,

[Mr. Slang] Pensava em linha reta e via com nitidez: – daí o ser olhado de esguelha pelos que viam torto e pensavam com teias de aranha. [...] Mr. Slang nascera equilibradíssimo de faculdades e passara a vida a manter e aperfeiçoar esse equilíbrio. [...] Tinha o inglês da Tijuca o poder de fecundar em mim germens de ideias, ou transmitir-mas em jacásinhos, já de raiz – e assim me transformou por uns tempos num lindo jardim de coisas raras, senão novas. (Lobato 1948a: 07-08)⁴

Por esse desejo manifesto de se deixar seduzir pelas idéias de Mr. Slang, muitas vezes o narrador se cala, rechaça suas próprias idéias, considerando-as “pueris, fora de propósito ou tolas” (16). (Nem sempre é assim, embora essa seja a postura dominante. Veja-se, por exemplo, o episódio em que os dois discutem acerca de mudanças lingüísticas [57-61]: o narrador aceita as mudanças, considerando-as um sinal de evolução, enquanto Mr. Slang as repudia, considerando-as uma forma de corrupção da língua. Dessa vez, o narrador continua com seu argumento e até ironiza a atitude conservadora do amigo.) Aparentemente, as idéias e pontos de vista do narrador se aproximam do senso comum brasileiro, enquanto as de Mr. Slang são polêmicas, incômodas aos olhos e ouvidos brasileiros.

Em alguns desses aspectos, *América* parece pagar tributo a *A correspondência de Fradique Mendes* (1900), de Eça de Queirós. Tanto Mr. Slang quanto Fradique Mendes são viajantes experientes, ou, mais do que isso, são sujeitos cuja autoridade e cujas opiniões são oriundas das viagens que fizeram pelo mundo: Mr. Slang é, segundo o narrador, o “turista conhe-

cedor de todos os continentes” (Lobato: 207-8); Fradique, segundo ele mesmo, “Viaj[ou] por toda parte viável, l[eu] todos os livros de explorações e de travessias, porque [lhe] repugnava não conhecer o globo em que habit[ava] até aos seus extremos limites” (Queirós: 78-79). Em decorrência deste e de outros atributos dos dois viajantes, os narradores das duas obras se mostram embevecidos diante deles, seduzidos de tal forma por suas idéias que decidem reuni-las e apresentá-las publicamente. Além de lhes terem servido de lição, servirão também àqueles que as lerem. Assim, o narrador de *Fradique Mendes* justifica a necessidade de publicação das cartas e do perfil biográfico do amigo com uma nota nacionalista: “Nos tempos incertos e amargos que vão, Portuguezes destes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um mármore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos – como uma consolação e uma esperança” (Queirós: 125). O tom nacionalista, de quem presta um serviço aos seus concidadãos, também está no livro de Lobato. De um lado, Mr. Slang afirma diversas vezes, ao longo do livro, que os brasileiros precisam de rejuvenescimento, precisam olhar o mundo a partir de outra perspectiva.⁵ De outro, o narrador destaca a importância do pensamento equilibrado de Mr. Slang num momento em que, segundo ele, o bom senso se tornara raridade no Brasil.⁶ E, além disso, é o próprio autor quem justifica a necessidade de uma mudança de perspectiva, de um outro olhar sobre o seu objeto de análise. No brevíssimo prefácio de *América*, lê-se o que pode ser tomado como uma espécie de justificativa do livro:

Prefácio

A incompreensão do fenômeno americano pode filiar-se à natural incompreensão que o carro de trás sempre ha de ter da locomotiva. Ha muito pouco ‘Hoje’ no mundo. Na propria Europa o ‘Ontem’ atravanca a mór parte dos países. Naturalissima, pois, a geral incompreensão relativa ao unico povo onde o ‘Amanhã’ da humanidade já vai adiantado.

S. Paulo, 1931

Na referência à Europa como lugar de atraso, do *ontem*, ecoa uma série de críticas anteriores de Lobato às relações de dependência entre o Brasil e o velho continente (mais especificamente França e Portugal). Desde *O Saci Pererê, Resultado de um Inquérito* (1918) e *Idéias de Jeca Tatu* (1919), se não antes, Lobato já se posicionava contra essas relações. Na ânsia de romper ou afrouxar laços de dependência cultural entre Brasil e Europa, Lobato busca outras conexões, outras pontes possíveis. Nesse momento, os Estados Unidos são seu alvo. Em outros momentos, a América Latina estaria em seus projetos.⁷

Dado que o *fenômeno americano* era incompreendido no Brasil, segundo o prefácio, o livro viria apresentar tal fenômeno sob uma nova ótica, de forma que ele pudesse ser mais bem compreendido. E compreendê-lo era necessário, argumenta o texto, já que o povo americano representava o *futuro*, o *amanhã* da humanidade. Como se sabe, *futuro* e *amanhã* são palavras importantes no discurso modernista e positivista, e representavam valores positivos na década de trinta.

O prefácio condensa o que o livro trará de maneira mais analítica em suas páginas: o elogio à industrialização, às máquinas, ao progresso. A metáfora da locomotiva, bastante conhecida no Brasil de então, compõe o imaginário modernista. Antes associado a São Paulo, dessa vez esse símbolo do progresso se associa a outra nação, que passa a ser objeto de análise. Para ser moderno, era imprescindível conhecer e compreender a modernização norte-americana. Embora ela sirva de *exemplo*, o objetivo da análise não é *copiar* modelos, estratégias e comportamentos norte-americanos (apesar dos elogios feitos aos Estados Unidos), mas estimular a reflexão sobre alternativas criativas, sobre novos modos de agir, de pensar e também de participar do mercado econômico internacional.

É o que se pode concluir de algumas reflexões bastante diretas feitas ao longo do livro, como por exemplo numa situação em que

Mr. Slang critica os países que não têm instinto criador, que não ousam. O Brasil não é explicitamente nomeado, mas faz parte desse grupo. A reflexão é feita pelo narrador depois de uma visita a complexos arquitetônicos inusitados, em Manhattan. Primeiro, ele elogia a novidade americana; depois, critica a falta de iniciativa dos “outros povos”.

Nisto, como em muitas outras coisas, o americano mostra a sua capacidade de criar, sem atenção às sugestões do passado europeu. Criticam-no, metem-no a riso os outros povos. Por fim acostumam-se à idéia e acabam fazendo o mesmo. É desse modo que o progresso se processa.

Nem todos os povos possuem instinto criador. Muitos apenas imitam, e copiam quando imaginam criar. Nada fazem sem preliminarmente verificar se existem precedentes. E alguns de tal modo se aferram a esta subalternidade, que erigem em argumento [...] uma frase interrogativa desta laia: “Mas se é assim, por que os outros povos já não fizeram isso?”

Não pode haver prova mais perfeita de insuficiência mental, de pobreza criadora ou, para falar língua mais positiva, de imbecilidade congênita. [...] Tudo quanto existe foi um dia criado. Um dia nasceu. Alguém abriu caminho. Admitir que os outros possam abrir caminho e a gente não, não é reconhecer-se visceralmente incapaz? (240-241)

De costas para a Europa, os Estados Unidos criam uma nova concepção arquitetônica, sujeita a críticas e deboche. Se eles criam, por que nós não podemos criar? – reclama o narrador. A reclamação é contundente, usa palavras fortes e agressivas – “insuficiência mental”, “pobreza criadora” e “imbecilidade congênita” são expressões dignas de acirrar os ânimos dos nacionalistas. Eis um dos importantes elementos do estilo polêmico de Mr. Slang. Outro elemento ali presente, já anunciado no prefácio, é a reiterada comparação entre Estados Unidos e Europa. As oposições entre novo e velho mundo, entre ontem e amanhã, modernidade e tradição, movimento e imobilismo são imagens presentes no prefácio que serão desenvolvidas sob diversos ângulos nesse livro de Lobato. *América lida*, assim, com temas caros ao *escritor*, atento aos anseios e conquistas modernistas, e também ao

adido comercial, cujo trabalho na diplomacia brasileira tinha por finalidade a promoção do desenvolvimento econômico do Brasil.

2. Quais são, afinal, as relações entre a obra de Lobato (especificamente *América*) e o seu trabalho no Ministério das Relações Exteriores?

Sabe-se que Lobato foi nomeado pelo presidente Washington Luís “para ocupar o cargo de adido comercial junto ao consulado brasileiro de Nova Iorque, no lugar de Arno Konder” (Azevedo, Camargos e Sacchetta: 223). Sua principal tarefa, como adido comercial, era “incrementar a penetração dos produtos brasileiros nos mercados das Américas do Norte e Central” (idem). Para isso, ele estudou e produziu uma série de relatórios sobre o desempenho de produtos brasileiros nos Estados Unidos, dentre os quais: café, cacau, borracha, couros, peles, fumo, castanhas, açúcar, trigo, carvão, etc. Além de ter observado, em seus relatórios,⁸ que o Brasil estava aquém de suas potencialidades no comércio internacional, Lobato fez diversas sugestões com o objetivo de modificar esse panorama. Dentre elas, o investimento em propaganda, a diminuição dos impostos de exportação, a abertura de estradas, a criação de mecanismos mais eficientes de comunicação e de provimento de informações.

Essas são informações fornecidas por seus biógrafos, que resenharam brevemente a atividade do escritor no consulado e as sugestões fornecidas por ele em seus relatórios. Ainda não pude encontrar e analisar os relatórios produzidos por Lobato, mas encontrei nos relatórios anuais do Ministério das Relações Exteriores as circulares enviadas aos adidos comerciais, solicitando informações sobre o desempenho de produtos brasileiros no exterior. Tais documentos (além de outros textos a serem incluídos na próxima fase da pesquisa) são elementos importantes para a compreensão da atuação de Lobato no Consulado, como também trazem elementos para a interpretação de sua obra *América*.

Lobato embarcou para os Estados Unidos em 25 de maio de 1927, e chegou a Nova York em 07 de junho. No final de junho, ele escreve uma carta ao cunhado, Heitor, em que dá mostras de já estar bem-instalado.⁹ Embora o processo de adaptação ao novo país ainda fosse levar algum tempo, é bastante provável que em meados de junho, quando muito, ele já estivesse trabalhando no Consulado. Deve, portanto, ter recebido a circular telegráfica de 01 de julho, na qual o Ministério encomendava a produção e o envio – urgentes – de um relatório sobre o café brasileiro:

AHI 317/02/11

Circular telegráfica de 01/07/1927.

Aos consulados
Secretaria de Estado
das Relações Exteriores
Circular
N. 126
LCO

Em 1 de julho de 1927.

Aproximando-se comemoração bicentenário café peço-lhe organizar remeter urgência modo chegue Rio máximo cinco agosto trabalho, *artisticamente documentado*, sobre *situação consumo café brasileiro nesse país* abordando todas questões relacionadas com *conservação ou desenvolvimento desse consumo mercados concorrentes luta sucedâneos outros aspectos*.
Exteriores

(Fundação Alexandre de Gusmão 2006. Grifos meus.)

Chama a atenção, nesse pedido, a “urgência” somada à solicitação de que o trabalho fosse “artisticamente documentado”. Afinal, os consulados teriam pouco mais de um mês para produzir e fazer chegar ao Brasil o trabalho “artisticamente documentado” sobre o café.

Não se sabe se Lobato foi o responsável pela produção desse trabalho. Mas no mês seguinte ele se valeu de um texto oficial ao Ministro das Relações Exteriores para documentar a (e reclamar da) dificuldade de cumprir sua função, em face da falta de informações confiáveis e prontas

sobre o Brasil. No seu primeiro relatório como adido comercial, enviado em agosto de 1927 para o Ministro Otávio Mangabeira, Lobato reclama, então, do que seria um empecilho para o cumprimento de diversas de suas tarefas:

Ao adido compete informar com rapidez e idoneidade – mas que há de fazer senão ater-se ao papel de mero transmissor das consultas que recebe? Consultas que ou não obtêm resposta ou obtêm-na com tamanho atraso que dá na mesma. [...] A representação comercial de um país só se justifica se traz esta rapidez e segurança. Fora daí escapa aos seus fins e degenera em parasitismo. Bato-me pois para que o Brasil saia da situação negativa em que se encontra, por meio da montagem de um perfeito serviço de informações. (apud Azevedo, Camargos e Sacchetta: 224)

Nos trabalhos solicitados aos Consulados, um sistema confiável de informações era peça essencial para que os adidos realizassem a contento suas tarefas. Sem papas na língua, Lobato coloca o dedo numa ferida histórica, a da ineficiência do serviço público brasileiro, e também coloca em xeque sua própria função, dadas as poucas condições materiais de responder às solicitações do Ministério. Desde o início de suas atividades diplomáticas, portanto, Lobato começa a se agitar de forma a não se tornar, ironicamente, uma réplica de seu próprio personagem Sizenando Capistrano, funcionário público protagonista do conto “O Luzeiro Agrícola”, cuja função é a produção de relatórios¹⁰ que, por fim, não seriam lidos por ninguém.¹¹

Lobato propõe, então, uma série de medidas que fariam publicidade do Brasil no exterior. Em suas palavras, “publicidade calculada e sistematizada. Mostruário do que somos e do que valem como força pensante com mira nas universidades onde se plasmam os dirigentes de amanhã, nos grêmios de cultura, bibliotecas, jornais e revistas” (apud Azevedo, Camargos e Sacchetta). Além de escrever ao Ministro, Lobato também escreve ao seu amigo Alarico Silveira, que ocupava o importante posto de Secretário da Presidência da República, e resume a ele o conteúdo do

relatório enviado. Parece atacar em duas frentes, por meio de mecanismos oficiais e por meio de relações pessoais.

Se o governo der atenção às minhas palavras e criar aqui o mostruário de matérias-primas que proponho, o nosso movimento de exportação vai crescer consideravelmente. Trata-se do melhor negócio que o Brasil no momento possa fazer a bem da sua expansão econômica. Propus a mudança para esta cidade do Museu Agrícola e Comercial que o Delfim Carlos dirige e que aí não passa de um ornato às moscas. Posto aqui transformar-se-á num excelentíssimo negócio. Ajude-me a conseguir isso, que é de coisas práticas assim que o Brasil precisa para que um presidente da República não receba por dia tantas cartas chorando miséria. (Lobato 1959: 206. Carta de New York, 11/8/1927)

Supõe-se que Lobato tenha tido leitores para seus relatórios, diferente de seu personagem Sizenando. E sabe-se que os temas sobre os quais ele pesquisou e escreveu não eram tão secundários quanto aqueles pesquisados pelo poeta fictício. Mas, ainda assim, ter por leitores apenas os funcionários e autoridades ministeriais não deve ter sido suficiente para o escritor, que encontraria maneiras de dar publicidade a alguns dos temas com os quais ele lidou por força do cargo de adido comercial.

O livro *América* parece ter nascido, então, do empenho do adido-escritor em dar maior visibilidade ao seu trabalho burocrático; ou, em outras palavras, do interesse do *editor* em fazer com que as informações produzidas para os relatórios fossem lidas por um número maior de pessoas. Para isso, assim como agiu com relação aos clássicos da literatura universal, traduzindo-os e adaptando-os, Lobato encontrou maneiras de atingir um público maior para o seu trabalho por meio da ficcionalização de alguns elementos de sua experiência americana.

A ficcionalização se dá, como vimos antes, por meio da transformação dos temas em diálogos polêmicos entre Mr. Slang e o narrador. Vejamos um exemplo. Vimos na última citação que Lobato acreditava na necessidade de propaganda do Brasil no exterior, e que uma de suas alternativas para isso tinha sido a transferência de um museu do Rio para New York. Sobre

esses mesmos temas, Mr. Slang e o narrador dialogam em *América*, motivados por uma visita à seção brasileira do Museu Comercial, na Filadélfia:

Paramos na grande cidade para ver o que havia ali de Brasil. Artes de D. Pedro II. Tinha o grande monarca a mania de interessar-se pela sua terra – daí o banirem-no como castigo. Naquele museu, um tanto antigo, vimos a embolorada seção brasileira com tudo quanto o Brasil podia apresentar ao estrangeiro naquela época. Espantoso! Eram as mesmas coisas que pode apresentar hoje... Minerais, fibras, tralha de índios, café (não valorizado), borracha, os nossos eternos produtos coloniais, eterna colônia produtora de matéria prima que somos. (75-76)

Depois de refletirem um pouco sobre o tema, o narrador patriota sugere: “Devíamos intensificar a propaganda do Brasil.” A isso, Mr. Slang objeta:

– Propaganda do que, meu caro? É duro dizer isto, meu caro, mas vocês ainda não têm nada a apresentar ao mundo.

– Como não? Exclamei quasi ofendido nas minhas visceras patrióticas. Isso também é demais. Temos o direito de ser conhecidos, de fazer as nossas coisas conhecidas...

– Conhecer o que? Que coisas? Reflita um minuto antes de repetir frases ocas de toda gente.

Refleti um minuto e engasguei. Realmente – que coisas? (77)

Alguns intérpretes da obra de Lobato tendem a identificar idéias de Mr. Slang com as do escritor. Embora isso não seja de todo impossível – em alguns casos de fato há semelhanças –, não há uma relação direta entre um e outro. O que há de importante na relação entre essa personagem e o adido comercial é que nenhum dos dois aceita o olhar romântico-ufanista sobre o Brasil. Como adido comercial, Lobato precisava sugerir maneiras de o Brasil melhorar seu desempenho comercial no exterior, atendendo a demandas ou criando demanda externa para seus produtos. Seu olhar sobre o país não poderia, portanto, ser ufanista, como também não poderia se reduzir a descrever o lugar do Brasil no panorama internacional. Era preciso ser crítico, identificar problemas e propor soluções,

com o objetivo de ampliar o papel do Brasil no mercado internacional (latino e norte-americano).

Eis uma importante semelhança entre Lobato e Mr. Slang: operando no avesso do nacionalismo romântico, ambos parecem intencionalmente chacoalhar seus interlocutores propondo novas soluções para velhos problemas, ou então olhando os velhos problemas a partir de um novo foco. A experiência americana de Lobato funciona como impulsionadora desse novo olhar.

NOTAS

¹ Desde agosto de 2007, desenvolvo esta pesquisa como *visiting scholar* junto ao Comparative Literature Program da University of Illinois, sob a supervisão da professora Ericka Beckman. Este texto foi apresentado na IX Conferência da Brasa – Brazilian Studies Association – em New Orleans, em março de 2008.

² O inglês Mr. Slang já havia sido personagem de outra obra de Lobato, publicada pouco antes de sua viagem – *Mister Slang e o Brasil* (1927).

³ Washington, New York, Philadelphia e Detroit.

⁴ As citações de *América* serão feitas a partir dessa edição, sempre se respeitando a ortografia de 1948.

⁵ “Acho vocês [latinos] muito precisados de rejuvenescimento. Andam duros de arteriosclerose n’alma. Calcificados.” (*América*, p. 15)

⁶ “Iamos então em pleno império da sinuosidade. Ter bom senso constituía o crime dos crimes. O Brasil ‘valorizava’ café. Para o conseguir, para criar o ambiente coletivo que possibilitasse a tremenda aventura fôra preciso inverter valores universais. A simples palavra ‘bom senso’ provocava da polícia olhares de desconfiança.” (*América*, p. 07)

⁷ Cf. Lajolo s.d. e Martins 2001.

⁸ Relatórios resenhados por Azevedo, Camargos e Sacchetta, 223-235.

⁹ Cf. Lobato, 1959. Carta de 26/06/1927.

¹⁰ “ – Escreva um relatório, sugeri [o ministro].

– Sobre que, Excia.?

– Sobre qualquer coisa. Relate, vá relatando. A função capital do nosso ministério é produzir relatórios de arromba sobre o que há e o que não há. Relate.”

¹¹ “ – Então? Que queria que eu fizesse de cinco mil exemplares de um relatório sobre a Beldroega? Que o pusesse à venda? Ninguém o compraria. Que o distribuisse grátis? Ninguém o aceitaria. Se é assim, se sempre foi assim, se sempre será assim com todas as publicações deste ministério, o mais prático é passar a edição diretamente da tipografia ao forno. Isso evitará a maçada de nos preocuparmos com ela e de a termos por aí a atravancar os arquivos. Não acha V. que é o mais razoável? Retire o que quiser e forno com o resto.

– E depois que devo fazer? indagou Sizenando, ainda tonto com o expeditismo ministerial.
– Escrever outro relatório, respondeu sem vacilar o ministro.
– Para ser queimado novamente? atreveu-se a murmurar o poeta-inspetor.
– Está claro, homem! Para que diabo despendeu o governo tanto dinheiro na montagem do forno? Está claro que para incinerar as notas velhas e os relatórios novos. Deste modo se conservam em perpétua atividade o pessoal da Imprensa, o do Forno e o dos Ministérios. Veja V. como é sábia a nossa organização administrativa!”

TRABALHOS CITADOS

AZEVEDO, Carmen Lúcia; CAMARGOS, Márcia M. R.; SACCHETTA, Wladimir. *Monteiro Lobato, Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO, CENTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA. Cadernos do CHDD, Brasília, DF: A Fundação, v. 5, n. 8. 2006. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/BDPE/completo.pdf>>, consultado em 10/10/2007>.

LAJOLO, Marisa. *De São Paulo ao Aconcágua: uma trajetória latino americana para Monteiro Lobato*. Disponível em:

<http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/resultado_teses.htm>, site do projeto Monteiro Lobato e Outros Modernismos Brasileiros, s.d.

LOBATO, Monteiro. América: os Estados Unidos de 1929. In: _____. *Obras completas de Monteiro Lobato*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948a. 1ª série, v. 9.

_____. “O luzeiro agrícola”. *Cidades mortas*. In: _____. *Obras completas de Monteiro Lobato*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948b. 1ª série, v. 2.

_____. *Cartas escolhidas*. In: _____. *Obras completas de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1959. 1ª série, v. 16.

MARTINS, Milena R. Uma tentativa de intercâmbio cultural. *Anais do IV Seminário Internacional de História da Literatura*. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes: memórias e notas*. Porto: Livr. Chardron, 1900.

Milena Ribeiro Martins é doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Em 2007 e 2008, atuou como pesquisadora visitante na Universidade de Illinois. É co-autora do livro *Organização e Uso da Biblioteca Escolar e das Salas de Leitura*, publicado pelo Ministério da Educação em 2005. Em 2008, publicou o artigo “Viagem ao céu: aventura, fantasia e ciência” em *Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil*, organizado por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini.

Artigo recebido em 30/06/2008. Aprovado em 21/11/2008.

